

FERNANDO COCCHIARALE

Athos Bulcão – Uma Trajetória Plural

Centro Cultural Banco do Brasil

Rio de Janeiro – 22 de janeiro a 05 de abril de 1998

Galerias Parangolé e Ruben Valetin no Centro Cultural 508 Sul

A obra de Athos Bulcão é inegavelmente um caso peculiar dos últimos desdobramentos do Modernismo de 22. Período marcado pela crise tanto internacional (Segunda Guerra Mundial) quanto nacional (ditadura do Estado Novo getulista), a década de 40 viu florescerem nas artes plásticas ainda uma geração de artistas, da qual Athos fazia parte, marcados pelo ideário modernista e a renovação radical representada pela ruptura com o passado introduzida pelo *Abstracionismo Geométrico e Informal*.

Embora ligado afetiva e até mesmo esteticamente e alguns artistas emblemáticos do período, a inserção do jovem Athos no quadro de referências legado pelo Modernismo de 22 foi sempre lateral, discreta até, plasmada por uma curiosidade experimental que terminou por levá-lo a caminhos bastante diversos daqueles trilhados por outros artistas de sua geração. O contato com Oscar Niemeyer, a partir de 1943, seu trabalho em 1945 com Portinari, a convite daquele arquiteto, no painel de São Francisco de Assis, na igreja da Pampulha, em Belo Horizonte, e mesmo o estágio no atelier de Portinari, suscitado pelo convívio durante a execução do painel mencionado, são antes uma preparação da autonomia que irá caracterizar a singular pluralidade da obra de Athos, do que a simples adesão às idéias políticas e estéticas desses artistas. O *Realismo social*, tão caro a Portinari e a Di Cavalcanti, por exemplo, jamais constou das preocupações estéticas de Bulcão.

Entre 1948 e 1950, Athos viveu em Paris através de bolsa concedida pelo governo francês. Seu retorno ao Brasil o fez encontrar um ambiente cultural muito diverso do que deixara. Coincidentemente, os anos em que esteve na França talvez tenham sido os de maiores modificações já experimentadas pela arte brasileira. Foram criados não só os Museus de Arte Moderna de São Paulo e do Rio de Janeiro, o Museu de Arte de São Paulo e a Bienal, como surgiram a *Arte Abstrata* e *Concreta*, alternativas radicais, centradas na investigação da forma pura, à politização inerente ao *Realismo Social* de origem modernista.

O término da bolsa de estudos e a volta ao Rio de Janeiro colocaram Bulcão, novamente, frente à necessidade de ganhar a vida, coisa que pouquíssimos artistas brasileiros conseguiam apenas com a venda de suas obras. O ingresso no Serviço de Documentação do MEC, a ilustração de livros, revistas e capas de disco, incursões pela cenografia deixavam pouco tempo para o artista e faziam com que aparecesse sobretudo através dessas experiências em arte *aplicada*, encarada, então, por muitos, como um trabalho menor, decorativo.

Essa lateralidade da obra de Athos separou-o, pouco a pouco, não só da tradição modernista, da qual viera, como da radicalidade abstracionista e, finalmente, do

ambiente cultural, até certo ponto frívolo, do Rio de Janeiro, fatores que determinaram, em 1958, sua mudança definitiva para a nova capital, Brasília, a essa época um gigantesco canteiro de obras.

É inegável que a *Abstração Informal* e o *Construtivismo* (*Concretismo* e *Neoconcretismo*) foram imprescindíveis para a renovação da arte brasileira. Pela primeira vez a produção visual do país, ainda que de modo próprio, sincronizava-se com as vanguardas internacionais. A investigação centrada na forma, na cor, espaço, etc., proporcionada pelas novas tendências, permitia ao artista brasileiro um domínio pleno e consciente do único repertório reconhecido como exclusivo da *Arte Moderna*: o campo das relações estritamente plásticas e, por isso mesmo, avesso a qualquer representação da realidade.

Para Athos Bulcão, o aprendizado formal colocado em pauta pela questão abstrata e, desde então, exigência essencial para a formação do artista brasileiro, se intensificou sobretudo a partir do momento em que se transferiu para a nova capital em construção. Tornou-se não só seu primeiro artista, como foi o que mais teve oportunidades no Brasil e talvez em todo o mundo, de desenvolver uma obra integrada à arquitetura.

Nesse sentido, a obra de integração arquitetônica de Athos Bulcão (murais, painéis de azulejo, relevos etc.) foi fundamental para o desenvolvimento de um repertório, que embora pessoal, é análogo dos artistas das vertentes *construtivistas* brasileiras. Portanto essencial para o entendimento do conjunto de sua produção.

Ao olharmos do ponto de vista da lógica modular, inseparável do pensamento arquitetônico moderno, as belíssimas fotomontagens feitas pelo artista em 1952 (quando recortava imagens fotográficas de origens diversas montando novos conjuntos, posteriormente refotografados); a organização espacial quase hierática de sua recorrente série sobre o carnaval (cujas primeiras obras datam de 1954 e as últimas da década de 90); suas máscaras orgânicas, mas contidas no quadrado que as captura, quase como um azulejo; mas também suas pinturas geométricas e mesmo figurativas, podemos apreender que, para além da instigante pluralidade da obra de Athos Bulcão, pulsa uma das contribuições singulares mais significativas para a arte brasileira de nosso século.

Fernando Cocchiarale
Rio de Janeiro, 1997/98